

# JORNAL DO BRASIL De tutor a avalista

Villas-Bóas Corrêa

**A** tríplice derrota do dr Ulysses na última semana — quando, de tacada, viu se esfumarem os seus sonhos de chegar à Presidência como sucessor do presidente José Sarney; testemunhou a implosão do PMDB, com o fracasso da sua estratégia escapista das sucessivas omissões para fugir do *racha* e mais a desmoralização da Constituinte — transformou-o na figura patética destes tempos de transição ameaçada.

O seu apelo aos constituintes que debandaram na Semana Santa, convocando-os a um mutirão que entre pelos sábados e domingos, invada as noites dos dias úteis para tentar inverter o esvaziamento desqualificante, em esforço reabilitador, tem muito de ingênuo e de respeitável. O dr Ulysses é o personagem-símbolo de uma fase que ocupará o seu lugar na História mas ainda se angustia com as incertezas do julgamento.

Sério, obsessivo, determinado, romântico, o dr Ulysses merece o nosso respeito e todas as homenagens. Sem ele não se se imagina o que seria da Constituinte, embora seja difícil pensar em pior do que está. Como líder, articulador, tático, é um desastre. Imbatível como bandeira de luta, a exercitar as virtudes da coragem, com os ímpetos da audácia. Não conhece medo e disso deu provas abundantes.

Erra, entretanto, como o mais bisonho dos principiantes, quando desafiado pela adversidade ou pela incerteza.

Não há exemplo recente de colheita tão abundante de equívocos, num único buquê de insucessos. O PMDB se desmancha, fracionado por divergências insuperáveis e que se agravaram, até o irremediável, com os truques canhestros para adiar a hora da verdade.

A Constituinte recebeu no peito a bordoadas mais violenta. É indiscutível a legitimidade da definição do sistema de governo e da duração do mandato presidencial em cinco anos. Estão acima de questionamento deliberações adotadas com quorum máximo e recordista da totalidade dos 559 constituintes e por diferença de 132 votos.

O que vulnerou a Constituinte, derrubando-a no conceito popular, foram duas evidências que se somaram para compor o quadro da vergonha: ela não votou apenas pelas suas razões, mas sob ameaça clara de um confronto com os chefes militares, conjugada à pressão da máquina governamental, mobilizada a todo pano, disposta a tudo, pagando o preço de cada ajuste.

Certo que não é a primeira vez. Mas quase a rotina. Apenas, agora, a Constituinte como que passou recibo, não se precatou, exibiu-se no despudor da entrega acovardada pelos interesses menores, nos acertos de balcão, em transações indecorosas.

Inverteu tendências claramente apuradas em pesquisas confiáveis. Praticou duas incoerências de



uma vez. Repudiou o parlamentarismo que vinha conquistando espaços a cada renovação do Legislativo e, há muito, registra significativa maioria. Nesta Constituinte, desde que ela se instalou, nenhuma pesquisa séria deixou de constatar uma inclinação parlamentarista que oscilou entre 60 a 70%. Em dias, menos de uma semana, convicções e tendências mudaram em massa. Conversão espantosa, não fosse maculada pelas nódoas da pusilanimidade e as manchas de vantagens resgatadas à vista, com as notas publicadas em páginas e páginas do *Diário Oficial*.

Em todo o caso, vá lá. O sistema de governo é um tema em aberto, em permanente e inconcluso debate. Agora, um plenário político votar contra a nítida reivindicação das suas bases e negar compromissos de campanha para adiar eleições, francamente, é demais.

Dêssa dupla suspeição ela não se limpará mais. Faça o que fizer. Por isso, não há número, para votar, por mais que se esgoele o dr Ulysses. A Constituinte não tem mais nada a decidir. Para a opinião pública é como se tivesse acabado. Ou dissolvido.

O que vem por aí, até o encontro com as urnas, é inquietante. Uma sociedade mobilizada, participante, afundou na frustração, arquivou as últimas esperanças. Dela vai se pedir mais sacrifícios: recessão, congelamento de salários, novo aperto no cinto que já espreme a barriga vazia. Sem que o governo manifeste a decisão de dar o exemplo.

Só um tolo não percebe que a transição está sob riscos de retrocessos graves. Se a insatisfação explodir num crescente protesto insubordinado, rompendo os frágeis anéis da ordem, o quadro estará completo para nova e mais profunda intervenção militar. Quem pode o mais, pode o menos.

Temos pela frente um ano de turbulência, de céu cinzento. O país perdeu a fé nas lideranças, o respeito às instituições. Confundem-se o PMDB e a Constituinte na mesma geléia de descrédito.

O que é que vai agüentar a travessia?

Aos políticos que cederam, sob o argumento de que se evitou o pior, e aos que resistiram, só resta cobrar, em vigilância permanente, o compromisso dos que arrancaram da Constituinte as decisões que a atingiram. A transição não é apenas uma palavra. Vai ganhar, na solenidade da Constituição a ser promulgada, programa subordinado a calendário.

Dançaram as eleições este ano para dar um tempo à recuperação do governo, à montagem da estrutura legal. Adiou-se uma intervenção fardada que está denunciada nos seus pormenores.

Pois é preciso ir batendo na tecla de que o governo que pressionou e os militares que ameaçaram são fiadores da transição, a concluir com a realização de eleições presidenciais diretas no ano que vem. Irremediavelmente amarrados à palavra, a palavra de honra do Sarney e das Forças Armadas.

Pode não ser um consolo. Mas é tudo que resta.

**Só um tolo não percebe que a transição está sob riscos de retrocessos graves. O que vai agüentar a travessia?**